

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO
CURSO DE LETRAS: LÍNGUA E LITERATURA JAPONESA

ARTUR DUARTE DE CARVALHO

**ESTRATÉGIAS DE TRADUÇÃO E ADAPTAÇÃO DE EXPRESSÕES DE
TRATAMENTO DA LÍNGUA JAPONESA NO CONTO “YABU NO NAKA”**

BRASÍLIA

2013

ARTUR DUARTE DE CARVALHO

**ESTRATÉGIAS DE TRADUÇÃO E ADAPTAÇÃO DE EXPRESSÕES DE
TRATAMENTO DA LÍNGUA JAPONESA NO CONTO “YABU NO NAKA”**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras, pelo Curso de Língua e Literatura Japonesa da Universidade de Brasília.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Tae Suzuki

BRASÍLIA
2013

ARTUR DUARTE DE CARVALHO

**ESTRATÉGIAS DE TRADUÇÃO E ADAPTAÇÃO DE EXPRESSÕES DE
TRATAMENTO DA LÍNGUA JAPONESA NO CONTO “YABU NO NAKA”**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras, pelo Curso de Língua e Literatura Japonesa da Universidade de Brasília.

Aprovado em 19 de julho de 2013.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Tae Suzuki – Universidade de Brasília – UnB

Examinador: Prof^a. Camila Pimentel – Universidade de Brasília - UnB

Examinador: Prof. Marcus Lira – Universidade de Brasília – UnB

RESUMO

Este trabalho visa analisar a tradução de expressões de tratamento na língua japonesa, por meio de tradução de trechos do conto *Yabu no Naka*, com o objetivo de esclarecer possíveis estratégias de tradução. Comenta as perdas de significado durante o processo, relatando quando não é possível achar um equivalente na língua de chegada, o português. É dada a introdução ao universo das expressões de tratamento da língua japonesa de acordo com a obra de Tae Suzuki. Quanto à fundamentação teórica da tradução, este trabalho se utiliza dos métodos sugeridos com autores como Michaël Oustinoff.

Palavras-chave: Expressões de tratamento; tradução; respeito; modéstia; polidez.

ABSTRACT

This work aims to analyze the process of the translation of treatment expressions in the Japanese language, through translation of excerpts of the *Yabu no Naka* story, in order to clarify the possible translation strategies. It comments the loss of meaning in this process, reporting when you cannot find an equivalent in the target language, Portuguese. It is given an introduction to the universe of treatment expressions of the Japanese language in accordance with the work of Tae Suzuki. As for the theoretical basis for the translation, this work uses the methods suggested by authors such as Oustinoff.

Key-words: Treatment expressions; translation; respect; humble; politeness.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1. AS EXPRESSÕES DE TRATAMENTO	9
1.1 O que são as expressões de tratamento?	9
1.2 Breve histórico das expressões de tratamento	11
1.3 O respeito, a modéstia e a polidez	12
1.4 O contexto dentro do tratamento	13
1.5 A concepção de <i>uchi</i> e <i>soto</i>	16
2. REFERENCIAL TEÓRICO	17
2.1 A importância da tradução na literatura	17
2.2 Dados fundamentais para uma tradução	19
2.3 Língua de partida e língua de chegada	20
2.4 Linguística ou literatura?	20
2.5 Abordagens da tradução	21
3. SOBRE YABU NO NAKA	22
3.1 Enredo do conto	22
3.2 A escolha do conto	24
4. TRADUÇÃO DO CONTO	26
4.1 Tradução do conto – o lenhador	26
4.1.1 Expressão de tratamento – <i>de gozaru</i>	26
4.1.2 Verbo de tratamento - <i>mairu</i>	28

4.1.3 Verbo de tratamento – <i>môsu</i>	28
4.1.4 Verbo de tratamento - <i>oru</i>	29
4.1.5 Verbo de tratamento - <i>itasu</i>	29
4.1.6 Ausência de tratamento	29
4.2 Tradução do conto – Tajômaru	30
4.2.1 Polidez	30
4.2.2 Respeito	31
4.2.3 Repetição	31
4.2.4 Ironia	31
4.2.5 Verbo de tratamento - <i>môshiageru</i>	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS	35
ANEXOS	37
Anexo A – Tradução do conto – Depoimento do lenhador para um comissário de polícia	38
Anexo B – Tradução do conto – Confissão de Tajômaru	39

INTRODUÇÃO

O Japão, visto como um país onde as pessoas se respeitam mutuamente, seja de forma gestual, seja de forma verbalizada, encontra no tratamento a resposta para essas ações. É com a verbalização que ocorre o fenômeno das expressões de tratamento: se abaixa a cabeça para demonstrar respeito com um superior, mas há também diversas formas de exprimir a mesma ideia de respeito – ou mais do que isso – com as palavras. Ruth Benedict fala em sua mais famosa obra, “O Crisântemo e a Espada, sobre o povo japonês e sua cordialidade, em vários aspectos. Nesta obra, será abordada, especificamente, as expressões de tratamento.

Divididas em três categorias, as expressões de tratamento da língua japonesa não encontram equivalentes na língua portuguesa. A tradução de um texto em japonês com expressões de tratamento é, sem via de dúvidas, possível, mas graças a esse fenômeno linguístico não é possível haver uma tradução literal de tais expressões.

Celso Cunha e Lindley Cintra, em sua “Nova Gramática do Português Contemporâneo”, falam sobre os pronomes de tratamento em português: “Denominam-se pronomes de tratamento certas palavras e locuções que valem por verdadeiros pronomes pessoais, como: *você, o senhor, Vossa Excelência*”. (1985, p. 282)

Ainda que diferente do sistema da língua portuguesa, onde se tem, a fim de comparação literal, apenas a área dos pronomes de tratamento, a língua japonesa pode ser expressa sem haver perda de significado? É pensando nessa dúvida que será feita uma análise por meio da tradução pessoal de trechos do conto *Yabu no Naka*, de Ryûnosuke Akutagawa, famoso escritor japonês do século passado.

O tema deste trabalho surgiu do interesse em tradução, somado à curiosidade nas expressões de tratamento da língua japonesa, pois sendo estas tão variáveis dependendo do contexto e tão marcantes a ponto de ser possível definir quem é o locutor e quem é o interlocutor de um discurso, deveriam ser variáveis em sua adaptação.

O presente trabalho tem como objetivo principal discorrer, por meio de análise pessoal com base no método prescritivo de tradução, sobre as expressões de

tratamento da língua japonesa e as dificuldades de tradução e adaptação obtidas durante sua elaboração. O adaptável é separado do intraduzível, sendo dada uma explicação do porquê de ter sido escolhida a situação, quando esta for diferente de demais escolhas.

Como objetivos específicos, tem-se a observação e comentários feitos sobre a tradução do conto; a tradução literária de trechos do conto em si; a elucidação das expressões de tratamento no japonês e suas diferenças com os pronomes de tratamento do português; e a reflexão sobre os possíveis meios de tradução.

Os capítulos deste trabalho se dividem em quatro seções, onde: no primeiro, há a explicação e contextualização das expressões de tratamento da língua japonesa para o leitor. No segundo, é apontada a metodologia utilizada no trabalho, informando por meio de qual método da tradução será montada a análise, bem como as demais vertentes da tradução. No terceiro capítulo, há uma explicação sobre a história e objetivo do conto, explicando sobre o porquê de sua escolha. No último e quarto capítulo, há a conclusão do trabalho com as considerações finais sobre a tradução. Ainda, ao final do corpo monográfico, encontra-se como anexo a tradução na íntegra dos trechos do conto analisado. Esses anexos servem para situar o leitor caso seja preciso procurar a localização exata de onde se encontram trechos em questão do capítulo 4.

1. AS EXPRESSÕES DE TRATAMENTO

1.1 O que são expressões de tratamento?

Quando se fala de “tratamento” em uma língua, é comum que o povo ocidental logo relacione o termo com os chamados “pronomes de tratamento”, comuns em suas línguas nativas. Presentes nas mais diversas línguas, os pronomes de tratamento servem para adornar uma pessoa do discurso, dando uma ideia de respeito e de polidez na fala endereçada. O que pensar então quando o tratamento aparecer em outros elementos da fala, e não só nos pronomes? E quando ele expressa não só o respeito e a polidez, mas também o conceito de modéstia?

A hierarquia na sociedade japonesa contemporânea faz com que o tratamento esteja enraizado tanto na cultura como na língua. Assim, na língua japonesa o tratamento não diz respeito exclusivamente aos pronomes: ele é aplicável até mesmo a nomes e verbos. Para expressar um verbo, é possível, além da maneira convencional e “neutra”, comunicar a mesma ideia utilizando-se de outras palavras, mas com o tratamento já embutido na própria ideia.

Para exemplificar essa questão de hierarquia, o uso do pronome “você” e a relatividade dentro do tratamento, Ruth Benedict discorre em seu livro “O Crisântemo e a Espada” sobre o comportamento do povo japonês nessa intrincada relação de “superiores” e “inferiores”:

O Japão, com toda a sua recente ocidentalização, é ainda uma sociedade aristocrática. Cada cumprimento, cada contato deve indicar a espécie e grau de distância social entre os homens. Cada vez que um homem diz para outro “Coma” ou “Sente-se”, usa palavras diferentes, falando com um inferior ou superior. Existe um “você” diferente que deve ser usado em cada caso e os verbos têm radicais diferentes. Os japoneses têm, em outras palavras, o que se chama uma “linguagem de respeito”, tal qual muitos outros povos do Pacífico, acompanhada de medidas e genuflexões apropriadas. Todo esse procedimento é governado por regras e convenções meticulosas; não é apenas necessário saber a quem é feita a medida, como também a sua frequência. Uma medida correta e apropriada para um anfitrião seria considerada como um insulto por outro em relação ligeiramente diversa

com o convidado. E as medidas classificam-se de várias maneiras, desde ajoelhar abaixando a testa até as mãos espalmadas no solo até o mero inclinar da cabeça e dos ombros. É preciso aprender, e bem cedo, como harmonizar a reverência com cada caso particular. (BENEDICT, 2007, p. 47)

Até mesmo o modo de falar de uma pessoa pode indicar seu gênero. Há expressões tipicamente usadas por mulheres que, se faladas por homens, soariam estranhas, e, igualmente, há expressões masculinas que, se ditas por mulheres, soariam grosseiras. Uma mulher, ao falar de si mesma, pode utilizar tanto o pronome pessoal de primeira pessoa *watashi*, de uso neutro, quanto *atashi*, de uso exclusivamente feminino. Um homem também poderá utilizar *watashi*, mas não *atashi*, e para ele lhe será aferido *ore* ou *boku*, ambos com o mesmo significado de “eu” e de uso tipicamente masculino, com a diferença de que o primeiro dá ideia de maior rispidez.

Segundo Seward, (1988, p.114), uma fala tipicamente feminina, em japonês, pode ser identificada pelo uso de verbos não flexionados, e um maior uso de polidez, interjeições e pronomes. O autor discorre sobre o tratamento japonês em seu livro *Japanese in Action* falando sobre outras das diversas variações de fala no Japão, tais como dialetos, informalidade, e, mais importante e de interesse para este trabalho, a polidez.

Assim, “o quê”, “com quem”, e “em que circunstância” se deve dirigir o discurso, todos eles são elementos que devem ser levados em consideração quando se é locutor, para que se dirija o tratamento de forma adequada e efetiva ao interlocutor, demonstrando uma maior preocupação. Até mesmo o local onde se expressa o tratamento deve ser levado em consideração ao se falar. Assim, não podemos emitir um enunciado sem haver “cuidados”. Conforme Tae Suzuki diz em seu livro “As Expressões de Tratamento da Língua Japonesa”:

Os cuidados e atenções que um indivíduo dispensa a outro em seu ato de comunicação, tendo em conta a pessoa com quem se relaciona, a tensão que se cria entre eles na situação estabelecida, como produto da

consideração de vários fatores que definem a posição de um e de outro no contexto de situação criado. (SUZUKI, 1995, p. 9)

Para que as expressões de tratamento sejam entendidas em sua totalidade, deve-se ter em mente que elas dependem não só do falante, mas também do interlocutor e da situação. Assim sendo, deve-se atentar para outros fatores que marcam o uso do tratamento no Japão, além do gênero, tais como sexo, status, idade, anterioridade no tempo, exterioridade e interioridade.

1.2 Breve histórico das expressões de tratamento da língua japonesa

O povo japonês é conhecido por sua cordialidade e educação, inferindo que o tratamento está enraizado na própria cultura japonesa. Desde a Antiguidade, o povo japonês devia prestar respeito ao imperador e seus consanguíneos, já que era de senso comum que estes possuíam sangue divino e deveriam ser tratados como tal. Há referências em textos do século III que era possível reconhecer gestos e atitudes que implicassem uma deferência entre as classes sociais, já que na época não havia uma língua escrita. Estes gestos tinham a intenção de demonstrar respeito para com os superiores.

Ainda na época do Japão antigo, o imperador falava de si utilizando autorrespeito, referindo-se a si mesmo por meio de pronomes, verbos, predicativos de qualidade e nomes de respeito, situação que não é mais aplicável atualmente. Depois que começou a se estabelecer uma distinção entre as classes sociais que passaram a se diversificar a partir do período *Chûsei* (período “medieval”) - nobres e senhores locais, para as classes altas, e agricultores, artesãos e comerciantes para as classes mais baixas – começou a haver então uma maior diversidade de tratamento linguístico: surgia o desvio do emprego de algumas expressões que até então eram de modéstia como forma de direcionar o discurso de forma polida para o locutor, dando origem às chamadas expressões de polidez.

O que realmente era aplicável antigamente era um maior predomínio do aspecto social, ou seja, as classes sociais são um parâmetro primordial para a definição do tratamento a ser usado, fazendo com que uma pessoa de posição menos privilegiada use expressões de respeito para uma de posição superior e de

modéstia para si mesmo, não havendo uma preocupação com o contexto, com o psicológico, como há hoje em dia. Não havendo maiores modificações desde então, este é, a níveis gramaticais, basicamente, o modelo atual do uso do tratamento da língua japonesa.

1.3 O respeito, a modéstia e a polidez

O tratamento japonês pode expressar três ideias diferentes: de respeito, mostrando preocupação para com uma pessoa considerada contextualmente superior ao locutor; de modéstia, que faz o contrário, isto é, o locutor se diminui para poder expressar maior consideração com a pessoa contextualmente superior; e de polidez, que se define como a preocupação de se adornar o discurso, ou seja, torná-lo mais “apresentável”.

Enquanto as línguas ocidentais têm por tratamento basicamente os pronomes, o japonês tem a particularidade de expressar o tratamento de outras formas que não sejam o usual pronome de respeito (“Vossa Senhoria”, “Vossa Majestade”). Como foi dito em 1.1, o tratamento não se aplica apenas a pronomes, mas a inúmeras outras classes de palavras – até mesmo a nomes, verbos e sufixos.

Pode-se definir o tratamento por meio de fatores extralinguísticos, que seriam fatores sociais tais como sexo, status e idade; por meio de fatores contextuais, que seriam as situações de benefícios, formalidade e objeto mediador; e fatores puramente linguísticos, que são definidos com o uso da polidez (utilização do *desu* e *masu*).

Suzuki (1995) define o tratamento como operando em dois níveis do discurso, sendo eles o “tratamento do enunciado” e o “tratamento da enunciação”. Este é empregado pelo locutor preocupado em dirigir o discurso ao interlocutor, e é onde entra o uso das expressões de polidez, pois são usadas para dirigir o discurso ao ouvinte de uma forma mais polida. Já o tratamento do enunciado engloba tanto as expressões de respeito (*sonkeigo*) quanto as expressões de modéstia (*kenjôgo*) que têm como alvo as pessoas que são citadas no enunciado.

De acordo com a autora, não é correto que uma pessoa “inferior” (por inferior entende-se de acordo com o contexto – ou seja, as diferenças hierárquicas, de idade, de sexo, de anterioridade no tempo) enderece para outra superior seu

discurso sem utilizar a polidez, pois de acordo com as regras sociais ela deverá tratar o superior com respeito e a si mesma com modéstia. Logo, se este superior é o interlocutor, não é cabível que ele deixe de usar a polidez ao lhe dirigir o discurso, se já o tratou com as devidas expressões de respeito no enunciado. Por outro lado, se o locutor é um superior, este pode dirigir uma mensagem a um “inferior”, mas sem a utilização da polidez, pois neste caso o uso da polidez indicaria apenas um ato de boa-educação, e não uma imposição.

A maior ressalva de Suzuki (1995) dentro de sua obra é de que o tratamento na língua japonesa não se dá de forma “absoluta”. Ou seja, não basta uma pessoa ser hierarquicamente superior para que lhe seja aplicado o tratamento em todas e quaisquer circunstâncias. Tudo irá depender do contexto e até mesmo de fatores psicológicos e sociais.

1.4 O contexto dentro do tratamento

Apesar de haver aspectos socioculturais de fácil dedução, tais como “pai > filho” (pai superior ao filho) ou “professor > aluno”, não é possível aplicar o tratamento sem um contexto propriamente dito, pois a língua japonesa pode implicar questões que não seriam facilmente deduzíveis para uma pessoa que está a aprender a língua. Há a ideia de que quem recebe um favor é, naquele momento, inferior à pessoa que pratica o favor. Logo, em uma situação em que [professor > aluno] (aspecto sociocultural), mas que o aluno pratique uma ação de favor para o professor, é plausível que este enderece seu discurso ao aluno com respeito e/ou polidez. O professor não deixa de ser hierarquicamente superior, mas o contexto permite essa “inversão de papéis”.

Suzuki (1995) define como sendo “marcadores sociais do indivíduo” os fatores que definem socialmente um indivíduo e que marcam o papel que ele irá desempenhar em uma relação de tratamento. São eles:

- a) **Sexo** – como já foi apontado, as mulheres falam de um modo mais polido e, por consequência, os homens têm uma fala mais rude. Os próprios pronomes de tratamento são diferentes para cada um, como “*ore*” e *boku*

para se referir à primeira pessoa do singular, no masculino, e *atashi* para a primeira pessoa do singular, mas no feminino. Há ainda o meio-termo, *watashi*, que é neutro, e não indica gênero. Há pronomes de tratamento também para a segunda e terceira pessoa, utilizado por homens, e com uma conotação depreciativa - *kimi* e *omae* para a 2ª pessoa e *yatsu* e *yarô* para a 3ª pessoa. Consultando um dicionário, *omae* aparece grafado com o ideograma o, prefixo que indica respeito, pois, na origem, significava ‘diante de vós’ e era usado como uma expressão de respeito para os nobres. Desgastado pelo uso, perde a conotação de respeito, passando a ter um sentido mais informal e ríspido.

- b) **Status** – infere-se a pura e simples hierarquia, onde: professor superior a aluno; pai superior a filho; chefe superior a empregado. O inferior deve adequar seu discurso ao superior, aplicando modéstia a si mesmo, respeito ao superior, e polidez ao discurso, enquanto que ao superior cabe apenas a polidez ao discurso, no caso de querer mostrar boa educação.
- c) **Idade** – mais uma vez relacionado à hierarquia, pois é comum que quem seja mais velho ocupe um cargo superior ao mais jovem. Logo, este item é intimamente ligado ao anterior.
- d) **Anterioridade no tempo** – por anterioridade no tempo refere-se ao “tempo de uma pessoa dentro de um mesmo espaço” (de acordo com a concepção de *uchi* e *soto* a seguir), tomando-se como exemplo a relação entre um calouro e um veterano de uma universidade. O veterano, sendo estudante há mais tempo do que o calouro, que acaba de ingressar no ambiente acadêmico, é superior a este, implicando a utilização de respeito quando o calouro dirigir-se ao veterano.

Exterioridade e interioridade – a serem explicados no seguinte item (1.5), a exterioridade e a interioridade referem-se a um grupo de pessoas, ao coletivo. A ideia é de que, embora seja necessário tratar com o devido respeito amigos e familiares, quando se encontrar diante deles, ao falar deles

para terceiros, deve-se tratá-los com modéstia, pois eles fazem parte de “seu mundo”, e devem ser tratados como se fossem o próprio locutor.

É importante ressaltar que apesar de todos os marcadores sociais do indivíduo, ainda há o fator intimidade que pode ignorar todos eles de uma vez – com a intimidade não há hierarquia social. Porém, segundo Suzuki (1995), ainda há fatores intermediários, que são “fatores relativos ao contexto da situação”, tais como:

- **Benefício** – conforme foi explicado anteriormente, infere que uma pessoa que pede favores, ou seja, o beneficiado será menor do que o beneficiador independentemente da posição social, configurando, assim, uma “inferioridade circunstancial” no lugar da “inferioridade hierárquica”, ou então uma será somada à outra, aumentando o nível de tratamento que deverá ser utilizado.
- **Formalidade** – além da formalidade do discurso, situações específicas tais como comunicados públicos, implicam que o tratamento deverá estar mais presente do que em conversas casuais, pois há uma maior distância entre falante e ouvinte. Na sociedade japonesa, é como se quem ouvisse estivesse prestando um “favor” para quem está falando.
- **Objeto mediador** – Se dá através da comunicação por meio de objetos tais como telefone, mensagens e cartas. Havendo uma distância física entre os interlocutores, torna-se mais comum a utilização de expressões de tratamento. Além disso, é mais recorrente a utilização de expressões utilizando “palavras chinesas” (*kango*) do que “palavras de origem japonesa” (*wago*), pois elas dão um ar de maior formalidade ao texto.

Ao dizer que “[...] (o tratamento) não se dá de modo absoluto e constante: não é porque uma pessoa é hierarquicamente superior que ela deva ser sempre referida por expressões de respeito [...]” (Suzuki, 1995, p. 20), deixa clara a importância de

todos os elementos extralinguísticos na construção de uma frase onde é aplicado o tratamento.

1.5 A concepção de *uchi* e *soto*

Em seu artigo “Sociedade japonesa: base estrutural das relações sociais”, Wataru Kikuchi cita a tese de Chie Nakane, onde:

Na sociedade japonesa não existe o indivíduo como unidade analítica e sim o grupo, uma vez que os indivíduos participam da relação social sempre na condição de membro de um determinado grupo. (Kikuchi, “Sociedade Japonesa: Base Estrutural das Relações Sociais” In. **Estudos Japoneses**. São Paulo, 2004. p. 119)

Sem entrar em detalhes mais técnicos, pois este não é o objetivo deste trabalho, a sociedade japonesa, então, se divide de acordo com dois grupos: o *soto*, que, literalmente, significa “fora”; e o *uchi*, antônimo, que literalmente significa “dentro”. As “pessoas de dentro” seriam então os colegas de trabalho e escola, os familiares e os amigos, e as “pessoas de fora” seriam os demais, fora deste círculo social restrito.

Diferente da concepção ocidental, os japoneses possuem sua própria visão de mundo, e, conforme a tese de Nakane, o nativo japonês sempre pertencerá a um grupo, seja ele interno ou externo, e tratará a si mesmo e aos outros de acordo com essa distinção. E é nessa intrincada, porém simples, rede de relações que o tratamento da língua japonesa se constrói e se manifesta.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A Importância da tradução na literatura

“Como se deve traduzir” é uma questão que não pode ser respondida corretamente por ninguém, nem mesmo por tradutores profissionais. A obra “Tradução – História, teorias e métodos”, de Michaël Oustinoff, embora apresente diversas teorias e métodos de tradução, conclui que não há um modelo correto a ser seguido.

A própria história da tradução já passou por diversos momentos, fazendo com que o que era importante em um determinado momento deixe de sê-lo em outro. Assim, por exemplo, nos séculos XVII e XVIII preconizava-se a liberdade do tradutor. Mas, a partir do século XIX, defende-se uma maior fidelidade com o original – a tradução literal. Porém, é preciso lembrar que a tradução literal também era o foco principal nos primórdios da tradução, com a tradução de textos em grego para o romano, implicando, assim, que a tradução é um processo em constante mutação.

É preciso que a tradução se apague para que a obra pareça ter sido concebida na língua de chegada, ou se devem preservar as particularidades da língua de origem? (OUSTINOFF, 2011, p.1)

O famoso trocadilho italiano “*traduttori – traditori*” aparece em várias fontes. Literalmente significando “tradutor – traidor”, a ideia expressa é a de que nem sempre algo que for traduzido literalmente será o mais adequado na língua alvo. Seria necessário então haver uma adaptação da tradução da língua original para a língua alvo.

A questão levantada por Oustinoff é de que em traduções de obras estrangeiras é sempre comum a ocorrência de diferentes versões para um mesmo texto. A isso cabe a individualidade do tradutor, se ele optará para o literal ou para a adaptação, porém, com algumas ressalvas, como será dito no item seguinte.

Em seu estudo “Quadro histórico das teorias da tradução”, o professor Rafael Lanzetti (UFRJ, SENAC-Rio) mostra “as principais correntes teóricas da tradução

desde as concepções pré-linguísticas ditas impressionísticas dos autores romanos (Cícero, Horácio), passando pelas teorizações medievais, as traduções da Bíblia, os românticos alemães, os filósofos fenomenologistas, o estruturalismo do Século XX com o nascimento da teoria linguística de Saussure, até as tendências da pós-modernidade no Canadá, Inglaterra, Alemanha, França e Estados Unidos.”

Lanzetti lista os *targumim* (300 a.C) como um dos precursores da tradução literal:

Os chamados targumim foram, provavelmente, as primeiras traduções críticas do mundo, ou seja, traduções para as quais estudos críticos foram compilados, a fim de se estudar a “fidelidade” e a “recepção” do texto traduzido. Os targumim eram traduções para o aramaico (língua vernácula dos judeus nos séculos posteriores ao IV a.C.) dos Escritos Sagrados, do Cânone Judaico (escritos originalmente em hebraico). O ideal tradutório dos tradutores dos targumim era ser o mais “fiel” possível ao texto original, não importando se o texto de chegada não obedecesse a sintaxe e a pragmática da língua-alvo. (Quadro Histórico das Teorias de Tradução - <http://www.filologia.org.br/viiicnlf/anais/caderno03-14.html>)

Segundo Lanzetti, Cícero e Horácio (106-8 a.C.) quebram com a tradição de “fidelidade” da tradução, em seus escritos sobre a interpretação, a oratória e a poética, “preferindo que o texto traduzido soasse natural e fluido. O “sentido completo” do texto original, portanto, ficaria em segundo plano.”

Mais à frente, Lanzetti ressalta que a partir do século XV, autores neoclássicos começam a traduzir a tradição literária da Grécia e de Roma para as línguas vernáculas européias:

A partir de suas experiências no ofício de tradutores, estes produzem uma série de ensaios, métodos e conselhos para os que desejam traduzir. Devido ao fato de serem respeitados como literatos, esses autores recriam a concepção do ideal tradutório dos targumim, pois, para eles, o texto traduzido tem por objetivo ser o mais “fiel” possível ao original. Essas concepções foram preconizadas, principalmente, por Dante, Goethe, Baudelaire, Mallarmé, Nietzsche, Pound, entre outros, começando no período do Renascimento e passando ao Romantismo (principalmente

alemão). (Quadro Histórico das Teorias de Tradução - <http://www.filologia.org.br/viiicnlf/anais/caderno03-14.html>)

2.2 Dados fundamentais para uma tradução

A Bíblia, obra com o maior número de versões traduzidas (2.233 línguas), mostra a importância da tradução para a literatura, podendo ser levantados outros dados como aspectos “fundamentais” para a tradução, não importando o quão diferente seja a postura de alguns pesquisadores.

Oustinoff (2011) leva em conta três aspectos fundamentais para a tradução:

- **Recorrer à língua dominante** – para textos clássicos, traduzir para outra língua acontece por intenções de não se perder o original. “Uma língua que não se consegue mais traduzir é uma língua morta”. (Oustinoff, 2011, p. 13)
- **Línguas em presença** – as línguas, ou pertencem a famílias diversas, ou apresentam algumas similaridades entre si se fizerem parte da mesma. Assim, traduzir do espanhol para o português é considerado mais “fácil” graças à similaridade etimológica. Já do japonês para o português, não há nenhum parentesco que facilite a tradução de uma língua para a outra.
- **Pluridade das versões de um texto** – um mesmo texto pode ser traduzido para a mesma língua inúmeras vezes, por pessoas diferentes, implicando em “versões” diferentes. Ainda, havendo traduções em inúmeras línguas, é recorrente o fato de pegar um texto já traduzido, e polir a tradução própria em cima deste, destoando da obra original e do sentido da tradução.

Com esses três dados fundamentais, é possível notar o porquê de tanta diferença entre várias traduções, ainda que sejam para a mesma língua. Alguns teóricos defendem que não importa o quão bem uma obra seja traduzida, lê-la no original será melhor, seja o leitor um falante nativo daquela língua ou não.

Querendo ou não, possivelmente haverá uma “perda” durante o processo de tradução.

2.3 Língua de partida e língua de chegada

As obras sobre tradução tratam a língua original como “língua de partida” (LP) e a língua para a qual está sendo traduzida de “língua de chegada” (LC). Embora alguns teóricos utilizem equações complicadas para falar sobre o processo de tradução, o esquema sempre segue a premissa de que se traduz de LP para LC.

De acordo com a tradução de Marcio Marcionilo na obra de Oustinoff há grupos opostos no “partido” da tradução: os “pró-fonte” e os “pró-alvo”: aqueles estando a favor do argumento de que o texto fonte é mais “correto” do que a própria tradução. Os “pró-alvo” têm o argumento da “tradução como a tentativa de produzir um texto tão transparente que nem pareça ter sido traduzido” (Oustinoff, 2011, p. 54).

Sob sua forma mais simples, a tradução consiste em substituir um termo dado da língua de partida por seu equivalente na língua de chegada. Essa operação elementar aplica-se, sobretudo, a substantivos que designam objetos concretos, perfeitamente definidos e de um sentido único [...] (PAES, 1990, p.8)

E então se coloca o questionamento feito pelo autor no início de sua obra (p. 18) “Uma tradução é capaz de evocar a mesma coisa que o original?”.

2.4 Linguística ou literatura?

A linguística, sendo a ciência que trata da linguagem, engloba a tradução, pois esta é uma “questão de linguagem”. É a partir de então que a tradução sai da área teórica para entrar numa mais técnica e explicativa: são arroladas as traduções e então comparadas com suas versões originais, para se observar quais foram as mudanças efetivas.

Edmond Cary, um dos estudiosos da teoria da tradução, comenta em sua obra *Comment faut-il traduire?* que “a tradução literária não é uma operação linguística, é uma operação literária” (CARY, p.8), entrando então em questão as duas vertentes possíveis na qual a tradução poderá se basear.

No presente trabalho, apesar de se tratar de uma tradução de um texto literário, o foco maior será linguístico, sendo feita uma análise de como as expressões de tratamento se comportam na tradução, se há ou não perda de significado. Será, porém, também uma tradução literária, pois em anexo conta com a tradução das duas partes traduzidas do conto, na íntegra, se preocupando no significado e compreensão para o leitor da língua portuguesa.

2.5 Abordagens da tradução

De acordo com Oustinoff (2011), há três abordagens diferentes para a tradução: a “abordagem descritiva” (como se traduz); a “abordagem prescritiva” (como se deve traduzir); e a “abordagem teórica” (o que é traduzir). Cada uma delas leva a um tipo diferente de tradução.

Levando em consideração que a abordagem descritiva seja uma abordagem mais direta, pois “como se traduz” dá a entender o uso de métodos onde “x” é igual a “y”, a abordagem escolhida para o trabalho foi a abordagem prescritiva, já que “como se deve traduzir” implica uma questão mais reflexiva. Como se deve traduzir a expressão de tratamento é o foco principal que será tomado a seguir. “O que é traduzir”, por se referir, conforme dito, à teoria tradutória, não entra sequer na linha de pensamento.

Se uma palavra ou trecho for traduzido e não houver equivalente para ele, será necessária uma adaptação. Diante da mesma palavra ou trecho, porém em outro contexto, o sentido seria o mesmo? Essa é a principal preocupação da abordagem prescritiva, pois sendo necessário um pensamento prévio, é necessária uma “solução” para os problemas, antes que eles apareçam. Não é preciso de um padrão, mas de uma linha de pensamento lógica.

3. SOBRE “YABU NO NAKA”

3.1 Enredo do conto

O conto a ser analisado neste trabalho, *Yabu no Naka* (藪の中 – “Dentro do bosque”, em tradução livre), é de autoria de Ryûnosuke Akutagawa, um dos primeiros e mais expressivos escritores do modernismo japonês. Akutagawa tinha como estilo o modernismo, mas antes de começar a escrever contos, fazia traduções de obras ocidentais. O autor era graduado em língua inglesa pela Universidade Imperial de Tóquio.

Reflexo de sua infância conturbada, onde não conheceu a mãe por esta ter ficado louca logo após ele nascer, e tendo sido criado pelo tio, Akutagawa passa a sofrer de alucinações nos seus últimos anos de vida, característica essa que viria a ser refletida em algumas de suas obras. Em 1927, comete suicídio.

A obra faz parte da corrente modernista do Japão e foi publicado pela primeira vez em janeiro de 1922. Akira Kurosawa, renomado cineasta japonês, fez uma adaptação do conto, conjugado a outro, intitulado *Rashômon*, em seu filme homônimo, de 1950, estrelado por Toshirô Mifune, Masayuki Mori e Machiko Kyô.

A história deste conto consiste na morte de um samurai, cujo cadáver foi encontrado em um bosque próximo a Quioto. Nisso, são dados sete testemunhos de pessoas diferentes, incluindo até mesmo a confissão do assassino e a versão do próprio morto, que fala por meio de uma médium. Esses depoimentos vão ao mesmo tempo esclarecendo os fatos e os encobrendo mais ainda, levando algumas vezes inclusive a contradições - cada personagem diz alguma coisa que o anterior nega em seu depoimento.

As personagens são: um lenhador; um monge budista; um ex-prisioneiro a serviço da polícia, que capturou Tajômaru; uma idosa (sogra do morto); Tajômaru (ladrão e assassino); a mulher do morto; e Takehiro, o morto, a falar por meio da médium. Assim, pode-se dividir o conto em sete partes, todas elas falando sobre um mesmo assunto, porém de maneira diferente.

Akutagawa constrói o conto com a intenção de mostrar a verossimilhança por meio destas personagens. O lenhador; o monge budista; o ex-prisioneiro e a mãe de

Masago, todas estas personagens são personagens planas, que não têm importância para a história senão servir de base para as personagens redondas, que, elas sim, irão atuar na história. A ambientação é construída com as personagens planas, a fim de posicionar questionamentos para a suposta dúvida de “quem matou Takehiro?”.

O primeiro depoimento, do lenhador, diz que Takehiro foi achado morto com um único golpe de espada no peito, e que não havia sinais de armas e nem de um cavalo por perto – apenas de uma corda e um pente. A próxima testemunha, um monge budista que está de viagem, diz ter encontrado um homem e uma mulher andando a cavalo, e que o homem carregava uma espada, arco e flechas. A seguir depõe o ex-prisioneiro a serviço da polícia, que diz que o homem que ele havia capturado, Tajômaru, deve ser o assassino, e que ele carregava arco e flechas, mas não uma espada. Uma idosa se apresenta como sendo a mãe de uma jovem chamada Masago, e diz que esta é casada com Kanazawa no Takehiro, um espadachim a qual sua filha é fiel, e que ela jamais esteve junta com outro homem.

Qual deles pode ser tomado como verdade? Esse artifício é usado não para intrincar essa rede de depoimentos, pois dentro do conto não há uma verdade absoluta. O que cada personagem conta é real, para cada um, pois os fatos observados foram vistos em momentos diferentes. Analisando as ações das personagens centrais, Tajômaru não explicita ter matado Kanazawa no Takehiro, mas conta sobre seu duelo de espadas e que pegou as armas do homem após o duelo, assim como o cavalo de Masago. Ainda confessa tê-la violentado após prender seu marido a um cedro. A mulher deixa explícito que matou o próprio marido com uma adaga no peito, e o espírito de Takehiro afirma ter se matado com a adaga que sua mulher deixou no chão.

O cavalo é citado, dentre as personagens planas, pelo monge, mas o lenhador nega sua existência, pois presenciou a cena depois do monge. Nenhum dos dois está errado. O ex-prisioneiro fala das armas utilizadas por Tajômaru, mas não cita a espada, pois esta já não estava mais com o ladrão no momento. Nenhum está errado, e daí se constrói uma verossimilhança que só pode ser percebida ao ler o depoimento das personagens centrais e analisar com cuidado, prestando atenção à passagem de tempo.

A questão da “verdade” no conto não engloba mais as personagens planas, mas sim as centrais, onde a preocupação será a causa da morte de Takehiro. Por exemplo, enquanto na versão de Tajômaru este luta com o outro até a morte, na versão da história de Masago, ela mata o marido com uma adaga. Em nenhum momento do conto há referência anterior a estes fatos, sendo estes sim os fatores impossíveis de julgar verdadeiro ou falso.

Graças à fama do conto, alguns dicionários¹ apontam uma expressão homônima ao título que é utilizada na língua japonesa com o sentido de uma “dificuldade de chegar à verdade por causa de testemunhas conflitantes”. O conto não age, então, somente a níveis literários, mas a níveis culturais também, a ponto de introduzir um neologismo na língua.

3.2 A escolha do conto

Para discorrer sobre as dificuldades de tradução das expressões de tratamento do japonês para o português, foram traduzidas duas partes do conto, que estão como anexo ao final do corpo monográfico, assim como a versão original para consulta.

O porquê de ter sido escolhida essa obra está no fato de que a língua japonesa, no âmbito do tratamento, possui inúmeras variantes. Em uma narrativa, é imprescindível que o narrador utilize alguma espécie de tratamento: seja ela de respeito, de modéstia, polidez ou até mesmo rude ou “sem tratamento”. *Yabu no Naka* se presta bem a esse propósito não só por ser um conto curto, mas principalmente por ser dividido em sete partes, cada qual com diferentes personagens apresentado seus depoimentos diante da autoridade acerca da morte ocorrida. O interlocutor é sempre a autoridade jurídica diante da qual os depoentes usam diferentes registros de fala, dependendo de sua condição no contexto. O japonês é uma língua de grande diversidade quanto ao tratamento, como se viu, que diz respeito à distinção de nível social, sexo e até mesmo estado psicológico da pessoa.

¹ Consultado em: Denshi Jisho – Online Japanese Dictionary

A língua de partida, o japonês, difere-se bastante da língua de chegada, o português. Por diferenças culturais, algumas palavras de época são intraduzíveis, cabendo nessa situação somente a adaptação. O que entra em questão são as expressões de tratamento da língua japonesa: teriam elas equivalentes linguísticos numa tradução direta para o português? A tradução poderia ser feita sem expressar todo o tratamento que existe no original, mas o que o leitor pode ganhar se a tradução for mais fiel e tentar adaptar as expressões de tratamento para algo mais próximo do que no original? Os comentários feitos sobre as opções não servirão para deixar um padrão, mas apenas uma “sugestão”, com comentários de como foi feito o processo de tradução do conto.

4. TRADUÇÃO DO CONTO

Esta monografia tem como objetivo específico comentar e analisar o processo de tradução das expressões de tratamento contidas no conto *Yabu no Naka*. Como já foi apontado, o contexto é de capital importância para o uso do tratamento. Neste capítulo, o contexto será referido quando necessário, mas o foco será discutir as dificuldades que o tratamento impõe ao tradutor quando lida com línguas que apresentam diferenças tão marcantes com relação à linguagem de tratamento. Para tanto, cada expressão de tratamento que aparece no conto será destacado para procedermos a sua análise em termos de sua utilização dentro e fora do conto, qual o contexto em que está sendo utilizado e qual a estratégia de tradução proposta para recuperar o tratamento original quando isso fosse possível.

4.1 Tradução do conto - O lenhador

A primeira parte a ser comentada será o depoimento do lenhador para o “policial”. O lenhador é a personagem que inicia a história do conto em si, servindo para apresentar o pano de fundo da história e ajudar a construir toda uma questão de verossimilhança.

Nesta parte, a personagem utiliza modéstia ao se referir às suas ações e polidez em todo o discurso, mostrando que ele tem educação e consideração para o policial enquanto este exerce seu dever. Todo o discurso é formulado com bastante polidez, havendo utilização recorrente da expressão *de gozaimasu*.

4.1.1 Expressão de tratamento - *de gozaru*

De gozaru, expressão de alta polidez, aparece na fala do lenhador inúmeras vezes. Sempre vem conjugada com polidez *masu*, aparecendo então, no texto, como *de gozaimasu*. Para não se perder tempo explicando um a um (até porque

alguns ficariam repetitivos), serão elucidadas de uma só vez suas funções. Só haverá exemplo de alguns trechos do conto, também para não ficar exaustivo.

As funções expressas por *de gozaru* encontradas foram de:

- **Reafirmação** – encontrado em “*sayô de gozaimasu*”, frase onde o lenhador reafirma a pergunta feita pelo policial. Dado a esse fator contextual, foi traduzido como “sim, senhor, é isso mesmo”. O mesmo ocorre na frase “*atta tokoro de gozaimashita ka?*”, adaptado para “em que lugar exatamente, senhor?”. O policial não aparece em nenhum momento no conto, e suas palavras são lembradas apenas pelo discurso do personagem que narra – nesse caso, o lenhador. Para lembrar que a fala está sendo endereçada a um superior, foi utilizado, na tradução, o pronome de tratamento “senhor”.
- **Afirmação** – usado com o mesmo sentido de polir a frase com *desu* e *masu* ao final. Na maioria dos casos foi dado como intraduzível, pois o único caso onde foi possível substituir foi o trecho “*asoko wa ittai uma nazo ni wa, hairenai tokoro de gozaimasu*”, onde, por se tratar da oração final do texto, com teor explicativo, foi adaptado para “lá é um local onde não cabe um cavalo, nem outros animais do mesmo porte, senhor”, ainda na solução de utilizar o pronome de tratamento “senhor” para haver um equivalente. Nos outros casos, as frases foram traduzidas não do mesmo jeito como seriam se não houvesse tratamento, mas de forma semelhante, havendo, no máximo, uma inversão de algumas estruturas.

Infelizmente, não houve um padrão observado durante a tradução da expressão *de gozaru* na fala do lenhador. Seria possível confirmar um padrão se ocorressem duas exceções dentro de dez falas, mas o que se observou foi uma exceção dentro de dez. Assim, algumas vezes teve-se que recorrer a algo periférico apresentado no texto, e não a expressão de tratamento em si, para tentar traduzir a ideia do tratamento.

4.1.2 Verbo de tratamento – *mairu*

Como foi dito em capítulos anteriores, a língua japonesa também expressa o tratamento por meio de verbos. *Mairu* é o verbo de modéstia para *iku*, verbo neutro que significa “ir”. Como não é possível falar “ir humildemente”, o verbo em si se dá por intraduzível.

Todavia, para preservar o sentido de modéstia e polidez que a frase expressa, foi considerada a opção de procurar manter a polidez utilizando o verbo “dirigir” no lugar de “ir”. Assim, a tradução da frase inteira, “*watashi wa kesa itsumo no doori, urayama no sugi o kikori ni mairimashita*”, ficou “como sempre, nesta manhã me dirigi para trás da montanha a fim de cortar cedro”.

Na mesma linha de raciocínio, a partícula *ni*, que indica finalidade (“para”), foi adaptada para “a fim de”.

4.1.3 Verbo de tratamento – *môsu*

Mais uma vez há a ocorrência de um verbo de humildade, onde *môsu* é a forma humilde do verbo *iu*, “falar”. Embora com este verbo seja possível expressar a ideia de “falar humildemente”, tal fato não se dá neste contexto, onde o verbo não atua com seu sentido pleno de “dizer”, mas como um termo explicativo do que o precede na cadeia sintagmática.

A frase “*nani shiro hitokatana to môsu mono no, mune moto no tsuki kizu de gozaimasu kara, shikei no mawari no take no ochiba wa, suhō ni shimita yō de gozaimasu*” foi traduzida para “de qualquer maneira, apesar de ter sido num só golpe de espada, como a ferida foi até o fundo do peito, as folhas de bambu ao redor estavam tingidas de um vermelho-escuro”. Aqui houve dificuldade em encaixar o tratamento, mesmo ele aparecendo duas vezes, pois ficaria deslocado do contexto, que é o de meramente descrever a cena. Apesar de se tratar de uma explicação (o policial está ouvindo), aqui soaria estranho ficar repetindo o pronome de tratamento senhor a cada vez que se dirigisse a palavra ao policial.

4.1.4 Verbo de tratamento – *oru*

Oru se trata de mais um verbo que expressa tratamento, dessa vez sendo o equivalente de *aru* e de *iru*, “existir”, “estar”. O verbo *oru* foi utilizado, na maioria das vezes, em orações explicativas.

Não se podendo expressar a ideia de tratamento no próprio verbo, a proposta de tradução foi de, mais uma vez, transformar um verbo da frase para uma forma mais arcaica do mesmo. Por exemplo, em “*sore wa Yamashina no ekiro kara wa, shi go chô hodo hedatatte orimashou*” foi traduzido como “Creio que estava longe, cerca de 400 a 500 metros partindo da estação de cavalos de Yamashina”, onde “creio que” expressa a suposição do lenhador mais formalmente do que um “acho que”.

4.1.5 Verbo de tratamento – *itasu*

O último verbo de modéstia a aparecer no discurso do lenhador, *itasu* significa “fazer”. Na única frase onde aparece o verbo, o lenhador dá um depoimento tão descritivo quanto o citado no item 4.1.3.

Na longa frase “*Ga, kusa ya take no ochiba wa, ichimen ni fumi arasarete orimashita kara, kitto ano otoko wa korosareru mae ni, yohodo te itai hataraki demo itashita no ni, chigai gozaimasen*”, a tradução se torna “porém, como a grama e as folhas de bambu foram completamente pisoteadas, é certo que o homem resistiu e lutou com vigor antes de ser morto”. Aqui, não há indícios de tratamento, pois não houve uma brecha para inseri-los sem que soasse fora de lugar.

4.1.6 Ausência de tratamento

Além de todas as expressões de tratamentos relatadas até agora, há duas ocorrências de ausência de tratamento (ou seja, tratamento zero) no discurso do lenhador. Isso acontece porque ele está repetindo a pergunta feita pelo policial, dessa vez do mesmo modo que esta foi proferida. O policial, por ser superior ao lenhador, que está dando um depoimento, não tem a obrigação de formular sua pergunta com polidez ou qualquer outro tipo de tratamento.

As orações onde acontece esse fenômeno são: “*Tachi ka nani ka wa mienakatta ka*”, onde a tradução ficou como “Se eu não vi uma espada ou alguma outra coisa?”; e “*nani, uma wa inakatta ka*” que foi traduzido para “O quê? Se não tinha um cavalo?”. Não havendo tratamento no original, não há por que inserir tratamento na tradução.

4.2 Tradução do conto – Tajômaru

Tajômaru é um dos personagens redondos do conto, pertencendo a uma classe completamente diferente do lenhador. Este serve para dar pano de fundo à história, que vai construindo uma verossimilhança para chegar no real objetivo do conto: a confissão de Tajômaru, o relato de Masago e a versão da história contada pelo morto, Takehiro.

A parte da confissão de Tajômaru foi escolhida para tradução porque durante todo o processo há a alternância entre o tratamento e a falta deste, tornando-se um caso onde o estado psicológico afeta na enunciação do tratamento. Não há como organizar as falas da personagem assim como foi feito com o lenhador, de expressão em expressão, pois não há ocorrência das mesmas expressões para se manter um padrão. O único padrão encontrado nas falas de Tajômaru é o uso da forma polida *desu* e *masu* ao final de cada frase, o que não configura mudança significativa.

4.2.1 Polidez

Tajômaru, na condição de ladrão e de estar sob julgamento, ainda expressa a polidez em seu discurso, finalizando as orações com forma *desu* e *masu*. Não há, porém, a ocorrência de expressões de modéstia, e a de respeito aparece uma única vez graças a uma situação contextual.

Como não há um meio de traduzir ou transmitir a polidez expressada pelas formas *desu* e *masu*, foi feita a tradução para o português a níveis normais, sem perda de significado.

4.2.2 Respeito

O respeito aparece somente uma vez durante toda a narrativa. Tajômaru passa todo o tempo contando sua história e, ao final, acaba por aceitar seu destino de que vai ser condenado por ter matado Takehiro. Assim, a decisão tomada por ele é a de “desafiar as autoridades”.

Na frase “*Dôse ichido wa ôchi no kozue ni, kakeru kubi to omotte imasu kara, dô ka gokkei ni awasete kudasai*”, traduzida para “como sei que um dia devo ser enforcado no galho da árvore, apliquem-me a pena máxima, por favor!”, Tajômaru faz uma súplica às autoridades, em forma de desafio. A expressão utilizada para pedir o favor é *kudasai*, expressão de respeito que significa, literalmente, “por favor”. Como o próprio ato de pedir um favor indica uma espécie de tratamento de respeito, não foi preciso adaptar de outra forma para o português.

4.2.3 Repetição

Foi mostrado, em 4.1.6, que a ausência de tratamento no conto se dava quando as falas do ouvinte, que não aparece diretamente no conto, eram repetidas pelas personagens, pelo que é possível deduzir, da mesma forma como eram proferidas. Tajômaru, no entanto, não repete a frase, mas elabora outra, com base na suposta pergunta, e a ela acrescenta a polidez *desu* e *masu*.

Em “*nawa desuka?*”, traduzido literalmente para “a corda?”, há apenas o substantivo *nawa*, que significa “corda”, junto do *desu* para indicar polidez e o *ka* para marcar pergunta. Foi deduzido que essa não é a pergunta originalmente feita, por não haver verbo.

4.2.4 Ironia

Mesmo todo o conto *Yabu no Naka* se tratando de uma relação onde exista respeito por causa do contexto social, há trechos onde Tajômaru soa irônico, sendo ironia esta reforçada mais ainda graças ao uso de polidez em suas falas.

O trecho em que isso mais soa claro é “*tada watashi wa korosu toki ni, koshi no tachi o tsukau no desu ga, anatagata wa tachi wa tsukawanai, tada kenryoku de*

korosu, kane de korosu, dô ka suru to otamegokashi no kotoba dake demo korosu deshô”, que foi traduzido como “enfim, quando uma mulher é violentada, seu homem deve ser sempre morto. Só que, quando vou matar, uso a espada à minha cintura. Mas vocês não utilizam espadas, matam apenas com uso da autoridade, com uso do dinheiro. Quando menos se espera, podem matar até mesmo com palavras dissimuladas, não é mesmo?”. Apesar de não haver a partícula interrogativa *ka*, foi traduzido como uma pergunta no português para expressar melhor a intenção do autor de ironizar, já que o tratamento é perdido na tradução dessa situação.

4.2.5 Verbo de tratamento – *Môshiageru*

Môshiageru se trata do único verbo de tratamento utilizado por Tajômaru. É verbo de modéstia, significando literalmente “dizer”. Porém, no discurso de Tajômaru aparece o verbo *iu*, que tem o mesmo significado de “falar”, “dizer”.

No trecho “[...] *mi ni kite kure to ii ni ikimashita*”, traduzido como “[...]para lhe dizer que o homem pedia que ela fosse vê-lo[...]”, a narrativa está no passado, e para se referir à própria história não cabe a Tajômaru utilizar-se de tratamento. Já em “*kore mo zuboshi ni atatta no wa, môshiageru made mo arimasuma*”, traduzido por “nem é preciso lhes dizer como esse plano também deu certo”, por se tratar de um discurso direto entre locutor e interlocutor.

Assim, encerra-se a tradução da parte do conto referente à confissão de Tajômaru. Esta parte tem uma maior variedade por não se tratar de apenas uma espécie fixa de tratamento utilizada pela personagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início deste trabalho, foi visto sobre as expressões de tratamento da língua japonesa e suas particularidades, bem como a diferença para com a língua portuguesa, que só possui os pronomes de tratamento para expressar essa ideia. Porém, nem de longe iriam substituir a intrincada rede de nomes, pronomes, verbos, entre outros meios de tratamento japonês numa tradução da língua japonesa para a língua portuguesa.

Falando sobre tradução, foi explicada sua importância para a literatura e a linguística, assim como os diferentes modos de traduzir, especialmente dizendo que não há maneira correta para uma boa tradução. Também foi falado sobre os diferentes métodos de tradução, assim como o escolhido para a tradução do conto escolhido.

Com a tradução das duas partes traduzidas, foi possível analisar as narrativas diferentes que aparecem no decorrer do conto. Por se tratarem de personagens diferentes, nenhum dos discursos será igual, nem irá apresentar um padrão. O padrão de um, caso apareça, pode ser inclusive diferente em se tratando de outra personagem.

Nos trechos traduzidos, porém, não foi possível encontrar um padrão. O único método possível foi aceitar e contornar o fato de que não há equivalentes o suficiente de expressões de tratamento para uma tradução para o português. Em várias orações, o único método encontrado para inferir que no original havia um discurso expresso de maneira “diferente”, foi utilizar um vocabulário mais rebuscado do português.

O maior problema encontrado foi o da ocorrência de múltiplas expressões de modéstia, majoritariamente nas falas do lenhador. Não havendo como exprimir a ideia de modéstia para a língua portuguesa sem que soe forçado e fora de contexto, há a perda de significado do sentido original dessas frases.

Poderia ser feito, então, a tradução do mesmo conto, sem essa preocupação para com o tratamento? Pode-se dizer que sim, e com o mesmo efeito, pois no caso de *Yabu no Naka*, não há nada dentro do texto que utilize esse tratamento para outros fins.

Este trabalho serviu para dar a certeza de que as expressões de tratamento da língua japonesa não possuem regras fixas para tradução, sem que haja um contexto em específico. Às vezes nem mesmo um contexto, como no caso do conto, é capaz de exigir um padrão.

Para que não haja a perda de significado, a utilização dos pronomes de tratamento da língua portuguesa, assim como aplicação de vocabulário mais rebuscado foram, portanto, as únicas formas de contornar essa falta de equivalência da língua de partida, o japonês, para a língua de chegada, o português.

REFERÊNCIAS

AKUTAGAWA, Ryûnosuke. **Shinchô Nihon Bungaku volume 10**. Japão: Shinchôsha, 1969. 569p.

BENEDICT, Ruth. O crisântemo e a espada: padrões da cultura japonesa. São Paulo: Perspectiva, 3ª edição, 2007. 273p.

CUNHA, Celso. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1985. 713p.

CORREIA, Renato. **Problemas da Tradução Literária**. Coimbra: Livraria Almedina, 1986. 113p.

LEBRA, Takie. **Japanese Patterns of Behavior**. EUA: University of Hawaii Press, 1976. 295p.

MILTON, John. **O poder da tradução**. São Paulo: Poética Editora, 1993. 185p.

OUSTINOFF, Michaël. **Tradução – História, teorias e métodos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. 143p.

PAES, José Paulo . **Tradução a ponte necessária**. São Paulo: Editora Ática, 1990. 127p.

PERGNIER, Maurice. **Les fondements Socio-Linguistiques de la Traduction**. França: Presses Universitaires de Lille, 1993. 273p.

SCHUBERT, Klaus. **Text Coherence in Translation**. Países Baixos: Foris Publications, 1988. 211p.

SEWARD, Jack. **Japanese in Action – An unorthodox approach to the spoken language and the people who speak it**. New York & Tokyo: Weatherhill, 1984. 218p.

SEVERINO, Antônio. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 18ª edição, 2002. 304p.

SUZUKI, Tae. **As expressões de Tratamento da Língua Japonesa**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995. 185p

Estudos Japoneses n. 24. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: 2004. 124p .

Estudos Japoneses n. 26. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: 2004. 127p .

Quadro Histórico das Teorias da Tradução (<<http://www.filologia.org.br/viiiicnlf/anais/caderno03-14.html>>). Acessado em 3 de julho de 2013.

ANEXOS

ANEXO A

Depoimento do lenhador para um comissário da polícia

Sim, senhor, é isso mesmo.

Está claro que quem achou aquele cadáver fui eu. Como sempre, nesta manhã me dirigi para trás da montanha a fim de cortar cedro. Foi então que encontrei aquele cadáver, no meio do bosque, à sombra da montanha.

Em que lugar exatamente, o senhor me pergunta?

Creio que estava longe, cerca de 400 a 500 metros partindo da estação de cavalos de Yamashina. É um lugar deserto onde finos cedros se misturam em meio a bambus.

O cadáver estava caído de face para cima, vestindo um quimono índigo e um chapéu à moda da capital.

De qualquer maneira, apesar de ter sido num só golpe de espada, como a ferida foi até o fundo do peito, as folhas de bambu ao redor estavam tingidas de um vermelho-escuro.

Não, o sangue já não mais escorria, e a ferida também já parecia seca. Além disso, acho que havia uma mosca-varejeira grudada à ferida, sem nem perceber o som de meus passos.

Se eu não vi uma espada ou outra coisa?

Havia apenas um pedaço de corda jogado junto à raiz de um cedro ao lado. E então...sim, sim. Recordo-me que além da corda havia um pente. O que estava ao lado do cadáver eram somente esses dois objetos. Porém, como a grama e as folhas de bambu foram completamente pisoteadas, é certo que o homem resistiu e lutou com vigor antes de ter sido morto.

O quê? Se não tinha um cavalo?

Lá é um local onde não cabe um cavalo, nem outros animais de mesmo porte, senhor. Além do mais, a estrada para cavalos é apenas uma e fica distante do bosque.

ANEXO B

Confissão de Tajômaru

Quem matou aquele homem fui eu. Mas a mulher, não a matei.

Então para onde ela foi, vocês perguntam? Isso nem mesmo eu sei responder.

Ei, esperem!

Não importa o quanto me torturem, acho que não é possível falar sobre o que não sei. Além do mais, do jeito em que estou, não pretendo esconder as coisas covardemente.

Ontem, pouco depois do meio dia, cruzei-me com o casal. Com o vento que soprou naquele momento, o véu se levantou e pude ver de relance o rosto da mulher. De leve – se bem que não pude mais ver tão logo achei que tivesse visto – acho que esta foi uma das razões pelas quais seu rosto me pareceu uma Bodissatva. Nesse momento decidi possuir a mulher, mesmo que para isso tivesse que matar o homem.

Mas que nada! Ao contrário do que os senhores pensam, matar um homem não é lá grande coisa. Enfim, quando uma mulher é violentada, seu homem deve ser sempre morto. Só que, quando vou matar, uso a espada à minha cintura. Mas vocês não utilizam espadas, matam apenas com uso da autoridade, com uso do dinheiro. Quando menos se espera, podem matar até mesmo com palavras dissimuladas. É verdade, não escorre sangue; os homens continuam vivos...mas mesmo assim vocês os matam.

Se for pensar na profundidade dos crimes, não dá para saber quem é pior, eu ou vocês. (sorriso cínico). Mas, se eu conseguisse possuir a mulher sem matar seu homem, não haveria do que reclamar. Não. Seguindo meu sentimento naquele momento, eu tinha decidido que ia possuir a mulher sem matar o marido, na medida do possível. Mas naquela estrada da estação de cavalos de Yamashina, fazer algo assim é impossível. Então, eu planejei atrair o casal para o meio da montanha.

Isso também não foi difícil. Ao seguir a estrada com o casal, eu disse que havia uma velha tumba atrás da montanha que, tendo escavado, encontrei várias espadas e espelhos e, para que ninguém soubesse disso, eu enterrei tais objetos no meio do bosque, à sombra da montanha, caso aparecesse alguém interessado eu poderia vender a um preço barato. O homem começou a se interessar pela minha história.

E então...vejam só. Não é que a tal da ganância é algo assustador? Depois de pouco tempo o casal já conduzia o cavalo pela estrada da montanha. Quando chegamos frente ao bosque, disse para virem ver o tesouro que lá estava enterrado. Como o homem estava seco de vontade, ele não tinha objeções, mas a mulher disse que iria esperar sem descer do cavalo. Vendo aquele bosque tão fechado, não era de se estranhar que assim dissesse. Para dizer a verdade, aqui também saiu de acordo com minhas expectativas: entrei com o homem no bosque, deixando a mulher sozinha. Por um tempo, o bosque é apenas bambu. Mas, indo uns 50 metros adiante, tem um lugar um pouco aberto com um monte de cedros. Não havia lugar mais apropriado que esse para eu finalizar meu trabalho.

Enquanto me embrenhava pelo bosque, contei-lhe uma plausível mentira de que o tesouro estava enterrado sob os cedros. Ao ouvir isso de mim, o homem avançou com determinação para os finos cedros que já eram visíveis. Quando os bambus se rareiam, vários cedros aparecem enfileirados. Tão logo eu cheguei lá, derrubei-o e prendi. Condizente a um homem portando uma espada, ele aparentava ser consideravelmente forte, mas como foi derrubado de surpresa, não houve o que fazer. Em pouco tempo estava amarrado junto a uma raiz de cedro.

A corda?

Eu, sendo um ladrão, não sabendo quando irei ter que pular muros, trazia convenientemente uma à minha cintura. Claro que para que não gritasse, peguei folhas caídas de bambu e lhe entupi a boca, para que assim não houvesse nenhum incômodo.

Tendo resolvido o caso do homem, fui mais uma vez aonde estava a mulher para lhe dizer que o homem pedia que ela fosse vê-lo porque parecia ter sido cometido de um mal súbito.

Nem é preciso lhes dizer como esse plano também deu certo.

A mulher, sem seu chapéu de palha, adentrou o bosque guiada pelas minhas mãos. Porém, chegando lá, o marido estava amarrado ao cedro...a mulher tirou de seu quimono, num piscar de olhos, uma adaga. Nunca antes tinha visto uma mulher de temperamento assim tão forte. Se naquele momento eu estivesse distraído, teria sido acertado na barriga. Não, mesmo me esquivando, eu teria sido ferido se ela continuasse me golpeando com determinação. Mas eu, sendo o Tajômaru, de um jeito ou outro consegui finalmente derrubar sua adaga, sem nem ao menos desembainhar minha espada. Não importa o quão determinada seja uma mulher, sem uma arma, não havia o que fazer.

Como eu tinha planejado, consegui por minhas mãos na mulher sem matar o homem. Sem matar o homem...isso mesmo. Acima de tudo, eu não pretendia mata-lo. No entanto, ao tentar fugir do bosque, deixando a mulher chorando aos prantos para trás, de repente ela se agarra ao meu braço, como uma louca. E ainda, pude ouvir em seus gritos entrecortados: “Ou você ou meu marido, um dos dois deve morrer! Mostrar minha vergonha a dois homens é pior do que a morte. Não. Juntar-me-ei àquele que restar de pé” – disse ela, resfolegando. Foi naquele momento que fui tomado por um impulso violento de querer matar o homem. (agitação melancólica)

Contando-lhes essas coisas, sem dúvidas devo parecer um ser humano pior do que vocês, mas isso é porque vocês não viram o rosto daquela mulher – especialmente porque não viram suas pupilas que, num átimo de segundo, pareciam queimar. Quando meus olhos encontraram os da mulher, mesmo que eu fosse atingido por um raio e morresse, eu quis fazer dela minha esposa.

Fazer dela minha esposa...na minha mente, era a única coisa que se passava. Isso não era nenhum ato libidinoso como vocês devem imaginar. Se naquele momento eu não tivesse nenhum outro desejo senão a luxúria, eu provavelmente teria lhe chutado e fugido. Assim o homem também não teria sido coberto de sangue pela minha espada. Mas, no momento em que olhei fixamente para o rosto da mulher no escuro do meio do bosque, decidi-me que não poderia sair de lá sem matar o homem. Porém, mesmo que fosse matar o homem, não queria fazê-lo covardemente.

Eu desamarrei e chamei-o para um duelo de espadas. (A corda que vocês acharam caída à raiz do cedro foi a corda que esqueci largada naquele momento)

De rosto lívido, o homem desembainhou uma grossa espada. Em seguida, voou para cima de mim, com raiva e sem proferir uma palavra.

...Creio que não há necessidade de contar para vocês como se desenrolou nosso duelo. Minha espada perfurou seu peito no vigésimo terceiro golpe. No vigésimo terceiro. Por favor, não se esqueçam disso - estou a admirar este fato até agora. Aquele homem é o único na Terra que aguentou cerca de vinte golpes de espada meus. (sorriso de felicidade)

Quando o homem caiu por terra, abaixei minha espada banhada em sangue e voltei para a direção onde estava a mulher. E então...não é que aquela mulher não estava mais em lugar algum? Para onde ela teria fugido? Procurei-a por entre os cedros, mas, por cima das folhas de bambu não havia nenhum vestígio seu. Afinei meus ouvidos, mas tudo que pude ouvir era apenas o barulho agonizante que saía da garganta do homem.

Dependendo das circunstâncias, pode ser que a mulher tenha corrido para o bosque para pedir ajuda a alguém tão logo nossa luta tivesse começado. Foi o que pensei, e como dessa vez era eu quem corria riscos, peguei arco, flechas e a espada e voltei para a estrada da montanha. Lá, o cavalo da mulher ainda pastava tranquilamente.

Seria um desperdício de palavras contar-lhes o que se sucedeu após isso. Apenas que, antes de entrar na cidade, já tinha me desfeito de minha espada.

...Esta é a minha confissão. Como sei que um dia devo ser enforcado no galho da árvore, apliquem-me a pena máxima, por favor! (atitude altiva)